

Governadores ligados a FH aplaudem mudança no BC

Integrantes da Conferência Nacional de Governadores comemoram discretamente a saída de Gustavo Franco do Banco Central

• SÃO LUÍS. Um dia depois de criarem a Conferência Nacional dos Governadores para discutir a situação dos estados e pressionar por mudanças na política econômica, os governadores aliados do presidente Fernando Henrique Cardoso comemoraram discretamente a queda do ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco. A saída de Franco e o anúncio de que o Governo promoveria uma desvalorização de 9% do Réal foram brindados como o início de uma admissão por parte da equipe do presidente Fernando Henrique Cardoso da necessidade de promover mudanças como única saída para tirar o país da estagnação e retomar o crescimento. Os governadores só temiam o momento em que ocorrem essas mudanças. O Governo só promoveu a desvalorização

como resposta a uma situação de emergência e a queda de Franco parecia o ápice de um dia de tensão e desespero. Na madrugada de ontem, em um jantar na casa da governadora do Maranhão, Roseana Sarney, os governadores que ainda permaneciam em São Luís acompanharam o desenrolar das notícias num misto de tensão e contentamento.

— É o fim da era do gradualismo na condução da economia. Até agora, o Governo julgava que conseguia manter a estabilidade sem alterar, ou alterando muito pouco, o câmbio. Com o agravamento da crise financeira mundial, já havia algum tempo que isso não significava mais garantia de estabilidade do Real. Para manter essa situação, o Governo praticava juros alto, queimava as suas reservas e acabava desesti-

mulando investimentos internos. Uma situação de estagnação que já estava nos causando prejuízos — avaliou Roseana Sarney.

Roseana dizia não acreditar na possibilidade de saída também do ministro da Fazenda, Pedro Malan. Indiretamente, chamou Fernando Henrique à responsabilidade por eventuais desacertos na política econômica.

— Às vezes, nós temos a tendência de culpar os assessores quando não obtivemos o êxito que esperávamos. Pedro Malan é o gestor da política econômica do Governo. Mas não pode ser considerado o mentor — afirmou.

A primeira notícia sobre a queda de Gustavo Franco chegou aos ouvidos de Roseana por volta da meia-noite. Seu irmão, o empresário Fernando Sarney, viajara para São Paulo com seus pais. O sena-

dor José Sarney foi internado no Incor com complicações de saúde decorrentes de uma cirurgia feita no final do ano passado. Fernando ouviu no rádio a notícia da queda e ligou para Roseana. A governadora contou que desde a semana passada ouvia boatos sobre a possibilidade de alterações na equipe econômica. Durante a madrugada, porém, ela e os demais governadores comentaram a saída de Franco sem a confirmação sobre se a notícia era verdadeira.

O mais animado com a queda de Franco era o governador do Paraná, Jaime Lerner. A idéia de criar a Conferência Nacional dos Governadores fora dele. À tarde, durante a reunião, partiram de Lerner os ataques mais duros à equipe econômica. O governador já chegou a São Luís com a sua

proposta formulada. Para Lerner, pertencentes a uma burocracia estatal acostumada com a centralização administrativa, os técnicos da equipe econômica não demonstram o menor respeito pelos governadores. Mantêm a estabilidade da moeda sem avaliar se adotam para isso as medidas melhores para a população do país. Chegam a ignorar as próprias orientações do presidente, negando, às vezes, recursos para investimentos sociais que o próprio Fernando Henrique apóia. Isolados, buscando negociar caso a caso, nenhum governador seria capaz de obter algum êxito. Os governadores precisavam criar um canal institucional e demonstrar claramente que não aceitariam mais qualquer mudança de rumos sem consulta e discussão prévia.

— Como já dizia Woody Allen, o burocrata é um especialista em transformar soluções em problemas. A economia só é uma ciência confiável para explicar o que passou, não para mostrar rumos para a frente. Acho que as medidas econômicas são até certas, mas essa gente precisa parar de pensar que o único problema do país é técnico e econômico. Nós precisamos de soluções para voltar a crescer — criticou Lerner.

Na reunião, Lerner chegou a fazer uma crítica direta à política de bandas cambiais. Disse que esse gradualismo lhe lembrava alguém que estava tentando aparar as suas costeletas e sempre cortava mais de um lado do que do outro. Aí, buscava equilibrar aparando do outro lado, mas errava novamente, necessitando de outro corte na outra ponta. ■